

Práticas de leitura no ciberespaço: o gênero *Notícia Jornalística* do impresso ao digital

Reading practices in cyberspace: The Journalistic News Genre from print to digital

Ana Carla Barros Sobreira¹

Resumo: Este artigo objetiva analisar a *Notícia Jornalística*, observando os fatores de textualidade e particularidades que caracterizam esse gênero textual. Buscamos estabelecer conexões entre o texto impresso e o texto digital, para com isso entendermos se há (ou não) algo novo entre um gênero e outro. Para a realização da análise utilizamos os conceitos de Kress (2006); Coscarelli (2009); Marcuschi (2008) entre outros autores que apresentaram teorias quanto aos estudos dos gêneros. Como resultado, verificamos que embora o texto escrito sirva de base tanto para o jornal impresso como para o digital, um recebe a influência do outro e ambos encontram seu lugar ao sol, em um determinado momento histórico, social e cultural.

Palavras-chave: Notícia Jornalística; Jornal Impresso; Jornal Digital; Hipertexto.

Abstract: This article aims to analyze The Journalistic News, observing the factors of textuality and particularities that characterize this textual genre. We seek to establish connections between the printed text and the digital text, so that we can understand if there is (or not) something new between one genre and another. For the analysis, we used the concepts of Kress (2006); Coscarelli (2009); Marcuschi (2008) among other authors who presented theories regarding gender studies. As a result, we found that although the written text serves as a basis for both the printed and digital newspapers, one receives the influence of the other and both find their place in the sun, at a certain historical, social and cultural moment.

Keywords: Journalistic News; Newspaper; Digital Newspaper; Hypertext.

Introdução: um pouco de História

Este artigo tem por objetivo tecer algumas considerações acerca dos conceitos e (pre)conceitos a que estivemos expostos nesta nova era digital. Muitos autores e autoras já realizaram pesquisas sobre esse campo de estudos, como por exemplo, Ribeiro; Coscarelli (2010), entre outros, e mesmo assim, ainda nos causa estranheza, e nos faz questionar, como e quando podemos identificar as diferenças entre um texto e um hipertexto. Essas são questões atuais e muito relevantes, principalmente para nós professores de línguas, que nos deparamos todos os dias, com novas formas de produção de conhecimento no contexto virtual. Assim, o gênero textual *notícia*

¹ Graduada em Letras Inglês pela Universidade Federal de Campina Grande-PB. Especialista em Ensino de Línguas Mediado por Computador pela Universidade Federal de Minas Gerais-MG e mestre em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Uberlândia-MG. Doutoranda em Estudos Linguísticos - IEL-UNICAMP-SP. E-mail: carlasobreira@bol.com.br ORCID <https://orcid.org/0000-0002-4047-3641>

jornalística enfrenta mudanças e desafios, não tão novos, desde o surgimento dos primeiros noticiários no mundo.

A história do jornal está, sem dúvida, ligada à história da escrita e de sua divulgação para a massa. Inicialmente, os textos jornalísticos documentavam fatos ligados à realidade e o domínio escrito sempre se constituiu uma forma de poder, cuidadosamente guardada pelos seus detentores. Essa preservação do poder pode ser observada, por exemplo, no romance *O Nome da Rosa*, escrito por Umberto Eco (1980), no qual se vê a luta pelo controle do privilégio do saber pela Igreja.

A criação dos jornais modernos nos apresentou outra etapa da divulgação da informação, embora ao observarmos a linguagem usada por alguns jornalistas, veremos que o poder da informação nunca saiu das mãos de certos grupos hegemônicos.

O jornal impresso, como conhecemos, surgiu na França e segundo Faria (1994) nasceu no século XV, quando o jornalista Théophraste Renaudot editou em 1631, sua *Gazette de France*, onde pela primeira vez, “se colocou claramente a questão da neutralidade e da objetividade da informação jornalística” (p. 48). Vale observar, aqui, que o jornal impresso já enfrentou mudanças e não é, com o advento da Internet, que ele teve que se (re)inventar.

Fazendo um breve apanhado histórico, a primeira transformação da imprensa escrita ocorreu em 1844, com o aparecimento do telégrafo. Em 1920, quando Marconi inventou o rádio, o jornal passa novamente por outra transformação. Em 1950, quando surge a televisão como poderoso meio de comunicação de massa, ocorre uma das maiores transformações nos jornais: passam a ser coloridos e oferecem artigos curtos, rápidos e objetivos. O sucesso da Internet trouxe, não só novas modificações para o jornal impresso, como também para todas as formas de comunicação. A informação tornou-se mais instantânea e como destaca Smaniotto (s/d), deu origem a uma migração de leitores e assinantes de muitos jornais (inclusive revistas), do impresso para o digital. Trigo (2014) aponta que:

A rede no espaço virtual abriu enormes possibilidades de informação e comunicação, do seu alcance global e da multimodalidade que permite combinar diferentes recursos, fotografia, áudio, vídeo, infografia, acesso a documentos e hipertexto, além de textos tradicionais, torna-se possível uma maior aproximação das pessoas

aos fatos sobre as quais são informadas, opinam ou debatem, rompendo barreiras espaciais e temporais (p. 7-8).²

Nesse contexto, em que se pode observar uma nova abertura para a comunicação e informação proporcionada pela Internet, surge uma nova mídia jornalística: o jornalismo eletrônico, o jornalismo digital ou o ciberjornalismo, que apresenta particularidades e potencialidades da nova mídia no contexto virtual. Mannarino (2013) aponta que “as vantagens do jornalismo eletrônico ao jornalismo impresso mostram que na *Web*, os artigos e reportagens podem ser complementados com informações adicionais que não teriam espaço nas edições de papel” (p. 8), e destaca,

As notícias podem ser atualizadas várias vezes durante o dia e acessadas instantaneamente pelo leitor em qualquer parte do mundo e há também a possibilidade de se implantar serviços especiais, como consulta a bancos de dados com arquivo das edições passadas, classificados *online*, programa de buscas, fóruns de discussão abertos ao público (p. 8).

Assim, neste artigo, analisamos a *notícia jornalística*, observando os fatores de textualidade e particularidades que caracterizam esse gênero textual. Buscamos estabelecer conexões entre o texto impresso e o texto digital, para com isso entendermos se há (ou não) algo novo entre uma forma e outra. Tentaremos tecer considerações acerca das habilidades que são exigidas do leitor/produtor no ciberespaço, além de tentar evidenciar as possibilidades enunciativas da *notícia jornalística* em um ambiente virtual, que a difere da versão impressa.

Noções de gêneros textuais: entre textos e hipertextos

Os gêneros textuais têm sido foco de estudos e pesquisas de teóricos e estudiosos. Segundo Coscarelli (2007, p. 78), “é muito comum que os gêneros sejam

² La red en el espacio virtual hay abierto enormes posibilidades para información y la comunicación, de su alcance global y de la multimodalidad que permite conjugar distintos recursos – fotografía, audio, video, infografía, acceso a documentos e hipertextos, además de los textos tradicionales, se hace posible una mayor aproximación de las personas a los hechos sobre los que se informan, opinan o debaten, rompiendo barreras tanto espaciales como temporales. (Tradução própria)

tratados como pacotes muito bem delimitados e com características claras e pouco variáveis”. Não se pode negar que existe uma dificuldade em classificá-los, no entanto, devemos dialogar com os textos que já conhecemos e com os que são novos em nossa sociedade, sejam eles impressos, em tela ou digitais.

Bazerman (2005) defende a ideia de que os gêneros textuais estão intrinsecamente ligados ao nosso cotidiano e as nossas interações sociais. O autor evidencia que,

Cada texto bem sucedido cria para seus leitores um fato social. Os fatos sociais consistem em ações sociais significativas realizadas pela linguagem, ou atos de fala. Esses atos são realizados através de formas textuais padronizadas, típicas e, portanto, inteligíveis, ou gêneros, que estão relacionados a outros textos e gêneros que ocorrem em circunstâncias relacionadas (p. 22).

Assim, ao pensarmos os gêneros textuais, não podemos deixar de refletir também sobre o contato que existe entre os diversos textos que circulam em diferentes contextos, sejam eles *online* ou *offline*. Partindo da noção de gêneros textuais como um fenômeno histórico e social, Dell’Isola (2013, p. 72) destaca que os “gêneros são modelos correspondentes a formas sociais reconhecíveis nas situações de comunicação em que ocorrem e sua estabilidade é relativa ao momento histórico-social em que cada um surge e circula”.

Podemos evidenciar que os gêneros textuais podem ser entendidos como diversidades socioculturalmente reguladas das práticas discursivas humanas, ou seja, cada gênero se manifesta através de um determinado texto, que “é o objeto concreto, material e empírico resultante de um ato de enunciação” (DELL’ISOLA, 2013, p. 66). E como afirma Maingueneau (2001, p. 32), “ao falarmos de discurso articulamos o enunciado sobre uma situação de enunciação singular; ao falar de texto, colocamos o acento sobre aquilo que lhe confere uma unidade, que o torna uma totalidade e não um simples conjunto de frases”. Em outras palavras, os dois pontos de vista se complementam.

Dessa forma, como lembra Marcuschi (2008), os gêneros inscrevem formas textuais que se manifestam no artefato linguístico, ou seja, os gêneros são modelos

correspondentes a formas sociais que podem ser reconhecidas nas situações de comunicação em que ocorrem. Eles circulam em diferentes ambientes e fazem parte de diversas circunstâncias da vida em que as ações humanas são mediadas pelo discurso e, segundo Miller (1984) e Bazerman (1997), os gêneros estão intimamente relacionados às situações sociais concretas, repetidas, típicas do uso efetivo da língua.

Assim, definir qualquer texto dentro de uma visão separatista, em que texto impresso e texto digital não se misturam é uma tarefa um tanto difícil. Essa afirmação pode ser ousada, mas quando levamos em consideração as ideias de Costa Val (2004), podemos entender que independentemente de onde o texto se encontre, em um ambiente digital ou não, ele continua sendo texto. A autora destaca que,

Falando apenas de texto verbal pode-se definir texto, hoje, como qualquer produção linguística, falada ou escrita, de qualquer tamanho, que possa fazer sentido numa situação de comunicação humana, isto é, numa situação de interlocução. Por exemplo: uma enciclopédia é um texto, uma aula é um texto, um e-mail é um texto, uma conversa por telefone é um texto, é também texto a fala e uma criança que, dirigindo-se a mãe, aponta um brinquedo e diz “té” (p. 113).

Assim, estamos rodeados de diferentes textos e gêneros textuais. O que difere seria a maneira como a leitura é feita por parte do elocutório/usuário, a maneira de como a textualidade é aplicada por parte do leitor esteja ele *online* ou *offline*. Essa ideia é reforçada por Coscarelli (2009, p. 549), que evidencia:

Defendo que todo texto é um hipertexto e que toda leitura é um processo hipertextual. Acredito que se o texto estiver bem escrito, ou seja, estiver adequado ao leitor, e o leitor for bom, a leitura irá gerar resultados satisfatórios. Textos mal escritos e leitores pouco hábeis vão gerar um resultado muito ruim independentemente do formato da apresentação do texto (impresso ou hipertextual)

Para diferenciar um texto impresso de um texto digital, hoje emprega-se o termo “hipertexto”, e é inevitável perguntarmos quais são as diferenças entre o texto e o hipertexto, e se elas existem, quais seriam.

Considerando que vivemos em um terceiro momento tipológico, definido por Costa Val (2001, p. 112), em que “a compreensão de que, a significação de um texto

não se encerra nem se resolve nele mesmo, mas se produz na relação desse texto com o contexto em que ele ocorre, nas ações que, por ele, com ele ou nele, os falantes realizam”, podemos inferir que tanto o texto como o hipertexto contemplam definições e efeitos específicos.

Por outro lado, ao definirmos “texto”, podemos considerar alguns pontos que são diferenciais como, por exemplo, o espaço da escrita, e que Soares (2002, p. 81), define como “o campo físico e visual definido por uma determinada tecnologia de escrita”. Nesse caso, um *e-mail* para informar ao receptor que ele foi aprovado em um processo seletivo para um curso de especialização, por exemplo, cumpre a mesma função de uma carta com o mesmo conteúdo, mas apresenta características diferentes, como, por exemplo, o espaço do texto.

Ainda segundo Soares (2002), devemos considerar que o espaço em que se dá a escrita influencia a maneira como escrevemos. Assim, um texto publicitário está composto, na maioria das vezes, por um pequeno *slogan* da marca e apresenta imagens e cores, já um bilhete está composto por um pequeno texto, mas sem imagens. Acredito que, quanto à diferença de espaço e da maneira como se escreve, não existe algo que os diferencia como texto, talvez como gênero. Ao falarmos da linguagem utilizada nos dois textos, podemos dizer que no primeiro, no texto publicitário, seriam utilizadas as linguagens verbal, visual e sonora, e no segundo, apenas a linguagem verbal. Seria assim, uma característica inovadora que, segundo Kress (2010), é uma característica dos textos multimodais.

Porém, quanto às habilidades de leitura, Coscarelli e Santos (2009, p. 553) evidenciam que,

Não há habilidades de leitura que sejam específicas do ambiente impresso ou do ambiente digital. Há sim diferenças na navegação dos textos, em, como e onde o leitor vai encontrar as informações que procura (biblioteca, índices, mecanismos de busca), mas, uma vez encontradas, a compreensão do texto não depende tanto de o texto ser impresso ou digital, mas das habilidades de leitura que o leitor já desenvolveu.

Segundo Xavier (2007), as diferenças que existem entre texto e hipertexto se relacionam às características inerentes aos dispositivos digitais. Xavier (2007) elenca

características específicas do hipertexto³, que seriam a imaterialidade, a ubiquidade, (hiper)textualidade e multisssemiose, e que permitem ao usuário a mobilidade e não-linearidade quanto à abordagem do hipertexto.

Soares (1994, p. 152) considera “o texto na tela uma revolução do espaço da escrita que alterou fundamentalmente a relação do leitor com o texto, as maneiras de ler e os processos cognitivos”. Porém, se faz necessário entender, primeiramente, o conceito de texto dentro dos ambientes digitais, já que, para muitos teóricos, existem práticas de leitura e escrita inéditas no contexto do ciberespaço e que são mediadas por computador. Ribeiro e Coscarelli (2010, p. 139), por exemplo, evidenciam que uma das questões que é importante ser observada diz respeito a “quais habilidades são necessárias desenvolver para que seja possível ler, indo muito além da decodificação do texto”.

Desde os anos 1960 (sessenta), a Linguística Textual vem tentando explicar o que faz com que um texto seja considerado texto, ou seja, sua “textualidade”. Para que possamos entender outros termos, como texto impresso, texto digital, hipertexto vale entender, antes de tudo, a noção de texto e de textualidade.

Os princípios da textualidade mencionados por Beaugrande (1997) são a intertextualidade, a informatividade, a situacionalidade, a topicidade, a relevância e a coerência. Interessa-nos saber, então, quais os elementos de textualidade estão relacionados com o hipertexto e em que momento essa relação acontece.

A intertextualidade se refere à ideia de que nenhum texto está isolado, isto é, não existe sozinho, mas faz parte da alusão que o leitor faz a outros textos, sendo assim o hipertexto é por natureza hipertextual, já que ao apresentar uma multiplicidade de textos, possibilita o acesso a inúmeros outros textos através de *links*.

A informatividade diz respeito ao grau de novidade que o texto apresenta, quanto mais previsível, menos informativo ele será para o leitor ou, por outro lado, dependendo do leitor, o inverso pode acontecer. O hipertexto também apresenta essa característica, pois o leitor mesmo tendo acesso a uma infinita quantidade de textos, pode alternar sua leitura por zonas que contém muitas ou poucas informações.

³ Para entender melhor as características do hipertexto propostas por Xavier (2007), vale a leitura do texto original, cuja referência disponibilizamos ao final deste artigo.

A situacionalidade apresenta o conjunto de fatores que torna o texto relevante num determinado momento de comunicação. Gomes (2007, p. 24) destaca que esta é uma característica realmente diferenciadora entre o texto e o hipertexto, uma vez que a “situacionalidade também determina a forma como o sentido é construído envolvendo assim a coerência textual”. O questionamento que fazemos aqui é se cabe ao leitor construir sua coerência por meio dos diversos percursos da leitura, e se os caminhos dessa construção são determinados pelo autor.

Um outro questionamento se refere a como podemos relacionar a construção dos sentidos com o momento em que o autor do texto disponibiliza os *links* do hipertexto. Para Gomes (2007, p. 38), “a disposição dos *links* implica diretamente a produção do texto e a construção dos sentidos”. O autor ainda questiona “que tipo de suposição cognitiva os produtos de um hipertexto devem fazer para possibilitar a um grande número de leitores – cujos conhecimentos e interesses são diferentes – o acesso rápido e seguro às informações desejadas (p. 38)”.

A topicidade está presente tanto nos textos tradicionais como no hipertexto. Segundo Gomes (2007), esse também é um elemento diferenciador, pois depende do contexto, isto é, das leituras feitas antes e depois dos textos visitados pelo leitor e do “cotexto”⁴ criado pelo autor. Toda essa viagem deve ser relevante e sequenciadora do mesmo tópico. Landow (1992) evidencia que um dos fatores que leva o hipertexto a modificar a noção de texto é a possibilidade de conectar textos nos *links*, o que poderia afetar as concepções tradicionais de textualidade. Para Braga (2005, p. 60), os *links* podem explicar as mudanças textuais mais evidentes no hipertexto, que seria “a quebra do texto em seguimentos menores de informações interligadas pelos *links* e a tendência a integrar outras modalidades expressivas do texto verbal escrito”.

Um último conceito que é importante ressaltar aqui se refere ao contexto, que como assevera Braga (2005), no hipertexto, não pode ser visualizado como um todo. O contexto, assim, aparece fragmentado para o leitor, o que apresenta uma maior complexidade em termos de sentido, uma vez que o hipertexto é menos dependente das informações anteriores e posteriores a sua leitura, como acontece numa sucessão linear, o que vem a modificar a noção de “contexto”. Os segmentos do texto parecem

⁴ Acerca do conceito de “cotexto” cunhado por Gomes (2007), vale consultar o texto original do autor, cuja referência disponibilizamos ao final deste artigo.

independentes, e podem ser lidos em qualquer sequência e quantidade. “No hipertexto, perdemos a noção de completude do texto e do texto como um produto (GOMES, 2007, p. 24).”

Assim podemos inferir que a Internet propicia uma inovação e, como vivemos na cultura digital, se faz necessário entender melhor as práticas que usamos nessa cultura. Conforme Silva (2003, p. 30), devemos “perceber o ciberespaço e os ambientes virtuais de aprendizagem como novos domínios para as relações sociais entre os sujeitos, bem como novas estratégias comunicativas que devem ser usadas nos gêneros digitais”. A tela, como propõe Braga (2005), imaterializa o texto e parece-nos que deveríamos tratar muito antes das habilidades de leitura e escrita do que propriamente do texto.

O gênero textual *Notícia Jornalística*: tecendo teias entre o impresso e o digital

Diante das exposições introdutórias as quais fizemos até aqui, é importante conceitualizarmos a *Notícia Jornalística* como um gênero textual que, como afirma Lustosa (2013), tem por função relatar um fato. Iniciaremos por uma breve explanação do conceito desse gênero textual, exemplificando em jornais impressos tradicionais para, e em seguida, visualizarmos a *Notícia Jornalística* no contexto do ciberespaço. Nabantino (1970, p. 171) define a *Notícia Jornalística* como,

A informação concisa do fato jornalístico, com referência, sempre que possível, a lugar, modo, causas, momento, pessoas e coisas nele envolvidas. Limita-se à narração do fato, sem nenhuma análise, interpretação ou pormenor dispensável. O fato deve refletir-se nela como realmente é: bem ou mal, sério ou jocoso, solene ou pitoresco, agradável ou desagradável, sem nenhuma preocupação do autor em ser favorável ou contrário à pessoa ou situação de que se trate. A notícia pode veicular opinião de pessoas que participaram do fato, mas sempre entre aspas.

Assim, espera-se que a notícia tente estabelecer uma conexão “pura” entre o acontecimento e o relato, e tente passar a informação com o mínimo de distorção. A função referencial da linguagem é muito importante, uma vez que a ideia é levar a notícia ao leitor com a maior objetividade possível. Ao buscar essa objetividade, a

Notícia Jornalística tem como estratégia produzir um grande distanciamento do fato relatado, e tende a substituir formas linguísticas acidentais, particulares e individuais pelas formas impessoais e genéricas. O vocabulário utilizado nesse tipo de gênero textual é o mais denotativo possível, elimina-se a subjetividade e torna-se, lexicalmente, bastante restrito.

Lage (2006, p. 51) argumenta que “a linguagem jornalística ideal deve conciliar a comunicação eficiente e a aceitação social, o que na prática reúne tudo que é possível no registro coloquial aceito no registro formal”. O autor acrescenta que:

A busca de enunciados mais referenciais, concretos, justifica muito do trabalho na apuração das notícias: a hora exata do atropelamento, a placa do carro, o nome completo das pessoas, o número do túmulo, vão ter, no texto, o efeito da realidade, isto é, contribuir para a verossimilhança da história (p. 53).

Para identificar a referencialidade da notícia, destacamos em seguida, no excerto 1, um exemplo do jornal Folha de São Paulo impresso, publicada em 09/04/1982, em que procuramos encontrar as respostas do redator às perguntas essenciais do gênero *Notícia Jornalística*, que são: o que, quem, como, onde e por quê.

COLISÃO MATA DOIS NA RAPOSO

Duas pessoas morreram e uma ficou gravemente ferida no acidente ocorrido às 19:30 de quarta-feira na Rodovia Raposo Tavares, Km 35, perto de Cotia. O Volks de São Paulo, placa FG-5348, ao tentar ultrapassar outro veículo, bateu de frente com o Volks de Cotia, de placa UT-7386.

Morreram no local o motorista do auto de Cotia RCP e JPO. O motorista do carro de São Paulo, causador do acidente, OPC, sofreu graves ferimentos e foi removido para o Hospital das Clínicas.

Excerto 1. Notícia 1. Fonte: Folha de São Paulo de 09/04/1982.

Ao ler a notícia, podemos identificar que “o que” se refere à colisão que matou dois na Raposo, “quem” se refere aos dois que morreram, “quando” à quarta-feira, às 19:30, “como” se refere à ultrapassagem do Volks, “onde” na Rodovia Raposo Tavares e “por quê” faz referência ao fato de que o acidente foi causado pela ultrapassagem.

Além da função referencial da linguagem, podemos destacar aqui também os fatores tempo e espaço da notícia impressa. Quando falamos de tempo, condições

técnicas fizeram com que o jornal tivesse que ser produzido, editado, impresso em milhões de cópias, ser distribuído e chegar aos lares. O espaço, por sua vez, une-se à semiótica, pois a maioria dos jornais impressos se apresentam com fotos coloridas, notícias sintéticas e caracteres tipográficos maiores. Essas notícias sintéticas, além de chamar a atenção do leitor, evitam gastos desnecessários, já que o espaço do jornal tem seu preço elevado.

Podemos destacar aqui, quanto ao que expomos até agora, que a notícia digital se diferencia da notícia impressa em algumas características, porém, não queremos dizer, com isso, que uma supere a outra, mas acreditamos que a notícia digital enriquece a notícia impressa, uma vez que vem aumentar sua repercussão no país.

Existe, porém, a ruptura de algumas características da notícia escrita, pois há uma convergência de linguagens e um aproveitamento do avanço tecnológico para produzir mudanças nas rotinas das produções informativas. A multimodalidade, a ruptura a sequencialidade, o tempo, a interatividade, a globalização, inovam a notícia que se lê no jornal impresso.

Diaz e Meso (1998) definem cada uma das características que, segundo os autores, fazem surgir novos gêneros jornalísticos, como, por exemplo, os fóruns *online*. A multimodalidade, para Kress (2010), se define como a integração em uma mesma unidade discursiva, de vários tipos de informação, como textos, imagens (fixas ou em movimento), sons, vídeos e inclusive base de dados e programas executáveis. Como a multimodalidade reúne várias obras para compor o texto integral, existe uma coautoria na produção da notícia como um todo. A ruptura da sequencialidade ou a ruptura da leitura linear acontece pelo uso dos hipertextos e hiperlinks. Mesmo podendo observar o hipertexto na leitura do jornal impresso, o que vem inovar a leitura da notícia digital é o vínculo que o hipertexto faz com as informações sonoras, os hiperáudios e as informações visuais, hipervisuais. A união dos três tipos de informação (sonora, textual e visual), ou seja, as hiperlinks, só acontece no jornal digital.

O fator tempo é uma das grandes diferenças entre a notícia impressa e a notícia digital. Na publicação escrita, a publicação é fixa por um espaço de tempo, que é a principal característica dos meios tradicionais de informação. Para Navarro (2009), atualmente com os meios digitais, a notícia é atualizada instantaneamente, no momento em que aparece uma notícia relevante no país e no mundo. Essa

atualização permite que o leitor/usuário possa avaliar quais jornais lhe oferece os recursos digitais, para encontrar o que necessita.

A interatividade se refere à capacidade de interação entre o leitor/usuário da Internet. A interatividade rompe com a comunicação unilateral própria da comunicação de massa (TV, rádio, entre outros), transformando receptores passivos em emissores ativos dentro do processo de comunicação. Para Peraya (2002, p. 40), “a interatividade é uma característica básica da Internet como meio de comunicação. Podemos interagir entre a fonte da informação, a redação, o leitor e entre os mesmos leitores”⁵. A globalização na *Web* permite que todas as notícias possam chegar a todo mundo. Essa globalização se organiza em cibercomunidades e diminui as distâncias entre as pessoas e o mundo, fazendo com que a comunidade mundial se transforme em uma comunidade local. Assim, uma notícia que é publicada em um jornal digital não é lida apenas em sua área geográfica, mas em todo o mundo.

A análise: caminhos ou (des)caminhos das notícias impressas e digitais?

Objetivando verificar algumas das características do gênero textual *Notícia Jornalística* nos jornais impressos e nos jornais *online*, e que no corpo do texto deste artigo buscamos delinear, analisamos cerca de 50 (cinquenta) notícias em jornais impressos e digitais da imprensa brasileira, tentando analisar as diferenças e semelhanças existentes entre elas.

Para exemplificar como as análises foram realizadas, destacamos duas notícias do jornal Folha de São Paulo e duas notícias do jornal Estado de São Paulo (o Estadão). Buscamos comparar as notícias apresentadas no jornal impresso e na sua forma *online*, como também verificamos como a notícia foi retratada na rede social *Facebook*, visto que muitas empresas e jornais utilizam essa rede social para atingir seu público e que muitos leitores também utilizam o *Facebook*, não somente como ferramenta de interação social, mas, também, como forma de atualização, seguindo seus jornais e revistas favoritos.

Para a análise, levamos em consideração os pontos que listamos a seguir:

⁵ La interactividad es una característica básica de la Internet como medio de comunicación. Se interactúa entre fuente de información y redacción y lector o los mismos lectores entre sí. (Tradução própria)

1. Tamanho e conteúdo da notícia (é o mesmo no impresso e no digital?);
2. Linguagem (há mudanças do impresso para o digital? Em qual ambiente a linguagem é simplificada?);
3. *Links* (as fotos são iguais? A quantidade de fotos também? Há elementos extras em algum dos textos?).

Assim, a primeira notícia que analisamos foi publicada no jornal Folha de São Paulo, no caderno *Ilustrada*, que pode ser observada tanto na versão impressa como na versão *online*, nas figuras 1 e 2, a seguir:



The screenshot shows the online version of the article. At the top, the word "ilustrada" is written in red on a blue background. Below it, the title "Alemão acumula fotos de personalidades com seu ursinho; veja" is displayed in bold black text. The author's name "DAIGO OLIVA" and his title "EDITOR-ASSISTENTE DA 'ILUSTRADA'" are listed below the title. The date "24/08/2014" and time "02h00" are also visible. There are social media sharing buttons for Facebook, Twitter, LinkedIn, and Email, along with a "OUVIR O TEXTO" (Listen to text) button and a "Mais opções" (More options) button. The main text begins with "Um executivo alemão chega ao consultório de seu novo dentista com uma surrada bolsa de couro. O dentista pede ao paciente que deixe a mala do lado de fora da sala de radiografias, mas recebe uma resposta intimidadora: 'Acui tem um obieto do qual não...'" and is followed by a "PUBLICIDADE" (Advertisement) placeholder.

Figura 1. Folha de São Paulo *online*. Fonte: Captura de tela da autora.



Figura 2. Folha de São Paulo impressa. Fonte: Acervo da autora.

Ao lermos as duas notícias observamos que o título difere nos dois meios: no impresso e no digital. E vale observar que o leitor pode ter ideias diferenciadas quanto ao conteúdo da notícia, dependendo do título que vier a ler. No impresso fica claro que se trata de um ursinho de pelúcia, já no digital não. Além disso, o título da versão digital questiona a veracidade da quantidade exata de imagens que o empresário coleciona, jogando a responsabilidade para o empresário alemão, pois quem afirma ter uma certa quantidade de fotos é o próprio empresário; já na versão impressa não podemos levantar essa hipótese.

Quanto ao tamanho e conteúdo da notícia, os textos são os mesmos nos dois ambientes. A linguagem também é a mesma, no entanto, as informações extras são diferentes. No jornal impresso há uma caixa com informações que não aparece no jornal *online*. Isso é previsível e esperado, tendo em vista que o espaço que o jornalista tem para desenvolver a matéria difere nos dois ambientes. Além disso, como evidenciamos neste artigo, o texto digital permite o acréscimo de áudio e som, além de mais imagens.

A segunda notícia analisada, também do jornal Folha de São Paulo, foi publicada no caderno 1 *Mundo* e a apresentamos nas figuras 3 e 4, em seguida,



Figura 3. Folha de São Paulo *online*. Fonte: Captura de tela da autora.



Figura 4. Folha de São Paulo impressa. Fonte: Acervo da autora.

Podemos observar que, apesar da diferença entre os títulos da notícia na versão impressa e na versão digital, ao comparar os subtítulos podemos considerar que as crianças latinas enfrentam um tribunal nos EUA devido à imigração ilegal. O tamanho, o conteúdo e as fotos são os mesmos nos dois ambientes. Existe apenas uma pequena diferença que pode ser observada no texto impresso, onde há uma introdução de 5 (cinco) linhas que não é encontrada na versão *online*. Por outro lado, no ambiente digital, existe a opção de escutar o texto ao invés de apenas lê-lo.

Na página do *Facebook* da Folha de São Paulo, apenas a primeira notícia que destacamos aqui foi divulgada e para fazer menção a mesma, foi colocada nessa mesma rede social, a seguinte chamada: *Alemão radicado no Brasil acumula fotos de personalidades como Fidel Castro, George Bush e FHC, posando com seu urso de pelúcia*. Podemos observar, também, que na rede social há 4 (quatro) fotos idênticas aos meios impresso e digital e o *link* para que o leitor vá até o *site* do jornal e leia a notícia na íntegra.

A terceira notícia analisada foi publicada no jornal o Estado de São Paulo (O Estadão), e apresenta o seguinte título: *Identificação norteia seleções de trainee*, com o subtítulo: *Cada vez mais, processos seletivos cobram dos candidatos habilidades comportamentais e aderência a valores organizacionais*. A notícia foi

publicada no caderno *Empregos & Carreira*. Os títulos e os subtítulos são os mesmos tanto no ambiente digital como na forma impressa, assim como o conteúdo e a linguagem. O que difere são as fotos da *trainee* entrevistada e uma foto das etapas de seleção dos *trainees*, que no ambiente *online* foi transformado em um *link*. Nesse ambiente, podemos observar que ao final da reportagem são apresentados dois *links* que convidam o leitor para continuar a leitura no *site* do jornal.



Figura 5. O Estado de São Paulo *online*. Fonte: Captura de tela da autora.



Figura 6. O Estado de São Paulo *online*. Fonte: Captura de tela da autora

A quarta notícia que analisamos também foi retirada do jornal O Estado de São Paulo (O Estadão). No jornal impresso a notícia foi apresentada com o título: *Grandes obras da PAC atrasam*, apresentando como subtítulo: *Alguns dos projetos bilionários do governo estão empacados há mais de quatro anos*. No ambiente virtual, tanto o título como o subtítulo são diferentes da forma impressa. No entanto, isso não causa nenhuma alteração na compreensão prévia da notícia, já que o próprio título informa que quem formula as reclamações são as empresas.

O conteúdo, o tamanho e a linguagem são os mesmos nos dois ambientes. No jornal impresso encontramos um gráfico que não existe no ambiente virtual; esse, por sua vez, apresenta um *link* da notícia, além de, no final da notícia completa, propor outros *links* de notícias relacionadas ao assunto, mais uma vez convidando o leitor a continuar sua navegação no *site* do jornal.

Na página do Facebook do jornal O Estado de São Paulo (O Estadão), a notícia foi publicada da seguinte forma #PAC (via *Economia Estadão*), apresentando uma foto como ilustração. Assim o usuário clica na foto e é direcionado ao *site* do jornal, onde tem acesso ao conteúdo completo.



Figura 7. O Estado de São Paulo impresso. Fonte: Acervo da autora.

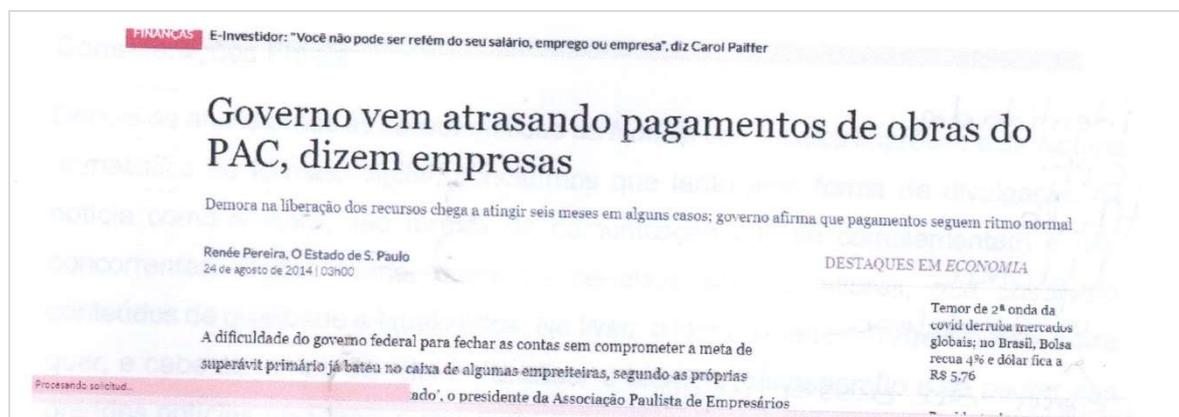


Figura 8. O Estado de São Paulo *online*. Fonte: Captura de tela da autora.

A partir das notícias analisadas, o que podemos inferir é que, geralmente, o conteúdo que está contido na notícia do jornal impresso se mantém, na maioria das vezes, na forma digital, ou seja, o que se diferencia, às vezes, são os títulos e os subtítulos. No entanto, como o texto digital conta com mais espaço e mais possibilidades, este se apresenta repleto de hipertextos que tornam a informação mais completa, além de fazer com que o leitor mantenha o interesse de permanecer no *site*, por meio de *links* sugeridos ao longo da notícia ou no final.

Um outro ponto que também nos chamou atenção durante a análise foi a possibilidade de escutar a notícia no meio digital, o que facilita a vida para as pessoas com baixa visão ou deficientes visuais. Com isso, percebemos a importância dos textos sonoros, que vêm não apenas acrescentar algo à notícia, mas também incluir aqueles que, de alguma forma, estariam excluídos da possibilidade da leitura impressa. Vale observar, porém, que o texto digital não é o único a apresentar hipertextos, já que a inclusão de fotos e gráficos também fazem parte da notícia impressa e não deixa de ser uma ferramenta hipertextual.

Observamos, também, que tanto o jornal impresso como sua versão digital, usam suas páginas no *Facebook* como ferramenta hipertextual, objetivando divulgar suas notícias. Porém, nem todas as notícias que saem no meio impresso e digital são divulgadas no *Facebook*. A ideia principal é levar o leitor ao *site* do jornal e, assim, levá-lo a ler o conteúdo da notícia.

Considerações finais

Após analisarmos as características do gênero textual *Notícia Jornalística* impresso e *Notícia Jornalística* no formato digital, podemos inferir que tanto uma forma de divulgação como a outra são ferramentas de comunicação que se complementam e não são concorrentes entre si. Dessa forma, quem se beneficia são os leitores, que absorvem conteúdos atualizados e de qualidade. Na *Web*, o leitor/usuário navega e busca a informação que necessita, e cabe ao jornal, selecionar, analisar e oferecer o inesperado e se pautar das grandes notícias nacionais e mundiais, como destaca o jornal O Estado de São Paulo (2010),

O jornalismo impresso começa a se redesenhar para um futuro promissor, em que a chave está na convergência cada vez maior com o mundo digital. Apesar de nos últimos anos ter virado moda prever o fim dos jornais, especialistas são uníssonos acerca de um produto mais analítico e sofisticado, o prognóstico é de vida longa e saudável (14/03/2019, p. 5).

Dessa forma, acreditamos que houve mudanças. Os fatores de textualidade apresentados por Beaugrande (1997) podem ser notados tanto no texto impresso como no texto digital, e quanto aos fatores pragmáticos (intencionalidade, aceitabilidade, situacionalidade, informatividade e intertextualidade), no aspecto semântico (coerência) e no aspecto formal (coesão), o gênero textual *Notícia Jornalística* não apresenta diferenças entre sua forma impressa e digital. As diferenças acontecem quanto à interatividade do leitor/usuário, quando os jornais passaram a utilizar novos recursos disponibilizados pela Internet como os *links*, para conectar os fatos que ocorreram entre as edições, a customização do conteúdo, a hipermídia e o armazenamento de conteúdos antigos.

Assim, verificamos que, embora o texto escrito sirva de base tanto para o jornal impresso como para o digital, um recebe a influência do outro e ambos encontram seu lugar ao sol, em um determinado momento histórico. Seja na tela ou no papel, o gênero *Notícia Jornalística* sempre será um tema interessante para estudos e pesquisas, que poderá ser revisto, analisado e discutido.

REFERÊNCIAS

- BAZERMAN, C. *Gêneros textuais, tipificação e interação*. São Paulo. Cortez. 2005.
- BAZERMAN, C. The life of genre, the life in the classroom. In. BISHOP, W.; OSTRON, H. (Ed.) *Genre and Writing: issues, arguments, alternatives*. Portsmouth. Heinemann. 1997.
- BEAUGRANDE, R.de. *New Foundations for a Science of Text and Discourse: Cognition, Communication, and the Freedom of Access to Knowledge and Society*. Norwood: Ablex.1997.
- BRAGA, D.B.; RICARDO, I. L. L. *Letramento na era digital: construindo sentidos através da interação com hipertextos*. ANPOLL. N.18. jan./jun. p. 59-82.2005.
- COSCARELLI, C.V. Textos e hipertextos: procurando o equilíbrio. In. ARAÚJO, J.C. *Linguagem em (Dis)curso*. Palhoça. Santa Catarina. PPGCL/UNISUL.Vol.9. N.3. set/dez. 2009. P. 559-564.
- COSCARELLI, C.V.; SANTOS, M.C.; ARAÚJO, M.A. *A leitura de hipertextos: uma análise da compreensão*. Belo Horizonte. FALE/UFMG. 2009.
- COSCARELLI, C.V. *Gêneros Textuais na Escola*. Veredas Online. Ensino. Juiz de Fora. Minas Gerais. 2/2007. p. 78-86.
- COSTA VAL, M.G. Texto, textualidade e textualização. In. CECCATINI, J.L.T.; PEREIRA, R.F.; ZANCHETTA, J.J. *Pedagogia cidadã: cadernos de formação: língua portuguesa.V.1*. São Paulo. UNIVESP. Pró-reitoria de graduação. p. 113-128.2004.
- COSTA VAL, M.G. Gêneros digitais e multimodalidade: oportunidades online para a escrita e produção oral em inglês no contexto da educação básica. In. DIAS, M.C.; DELL'ISOLA, R.P. *Gêneros textuais, teoria e prática*. Mercado das Letras. São Paulo. 2001.
- DELL'ISOLA, R.L.P. Aula de Português: parâmetros e perspectivas. Coleção Proleitura. FALE. UFMG. Belo Horizonte. 2013.
- DIAZ, N.J.; MESO, A. K. *Desarrollo del periodismo electrónico*.1998. Disponível em encurtador.com.br/corwM. Acesso em 25 de agosto de 2014.
- ECO, U. *O Nome da Rosa*. Wook Livros. Edição 4. 2004.
- FARIA, M.A. *O jornal na sala de aula*. Editora Contexto. São Paulo. 1994.
- FOLHA DE SÃO PAULO. *Alemão acumula fotos de personalidades com seu ursinho; Veja*. Disponível em encurtador.com.br/jmMPU. Acesso em 19 de outubro de 2019.
- FOLHA DE SÃO PAULO. *Colisão mata dois na Raposo*.9/4/1982.
- FOLHA DE SÃO PAULO. *Crianças latinas enfrentam tribunal nos EUA*. Disponível em encurtador.com.br/euGN6. Acesso em 22 de outubro de 2019.
- GOMES, L. F. *Hipertextos multimodais – leitura e escrita na era digital*. Paco Editorial. Jundiaí. 2010.
- GOMES, L.F. *Hipertextos multimodais: o percurso da apropriação de uma modalidade com fins pedagógicos*. Tese de doutorado. UNICAMP. Campinas. 2007.

- KRESS, G. *Literacy in the New Media Age*. Londres. Nova York. Routledge. 2006-2010.
- LANDOW, G. *Hypertext: the convergence of contemporary critical theory and technology*. Baltimore: The JOHNS Hopkins. 1992.
- LAGE, N. *Linguagem Jornalística*. Ática. São Paulo. 2006.
- LUSTOSA, E. O texto da notícia. Brasília. Editora UNB.1986. In. BARONI, D. *at all. O gênero textual notícia: do jornal impresso ao online*.9º Encontro Nacional de História da Mídia. UFOP. Ouro Preto. Minas Gerais. 2013.
- MANNARINO, M.V.R. O papel do web-jornal, veículo de comunicação e sistema de informação. Porto Alegre. EDIPUCRS.2000. In. BARONI, D. *at all. O gênero textual notícia: do jornal impresso ao online*.9º Encontro Nacional de História da Mídia. UFOP. Ouro Preto. Minas Gerais. 2003.
- MARCUSCHI, L.A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo. Parábola. 2008.
- MAINGUENEAU, D. Tipos e gêneros de discurso. In. *Análise de textos de comunicação*. Tradução de Cecília P. de Souza-e-Silva; Décio Rocha. São Paulo. Cortez. 2001.
- MILLER, C.R. *Genre as social action*. Quarterly Journal of Speech.V.70. p. 151-167. 1984.
- NABANTINO, R.J. *Jornalismo. Dicionário Enciclopédico*. São Paulo.1970.
- NAVARROS, L. *Tres lustros del periodismo digital: interactividad e hipertextualidad*. Comunicar. Vol. XVII. N. 33. 2009.
- O ESTADO DE SÃO PAULO. *Governo vem atrasando pagamentos de obras do PAC*. Disponível em encurtador.com.br/eBMPU. Acesso em 25 de agosto de 2014.
- O ESTADO DE SÃO PAULO. *Identificação norteia seleção de trainee*. Disponível em encurtador.com.br/knrCZ. Acesso em 19 de outubro de 2019.
- PERAYA, D. O ciberespaço: um dispositivo de comunicação e de formação midiaticizada. In: ALAVA, S. *Ciberespaço e formações abertas: rumo a novas práticas educacionais?* Porto Alegre: Artmed, 2002.
- RIBEIRO, A. E.; COSCARELLI, C.V. *O que dizem os matizes de habilidades sobre a leitura em ambientes digitais*. Educação em Revista. V.26.N.03. Belo Horizonte. Dez. 2010. p. 317-334.
- SILVA, I.M.M. *Gêneros digitais: navegando rumo aos desafios da educação a distância*. 2003. Disponível em www.chla.ufrn.br/viget.pgs.pt/anais/artigos/ivana Acesso em 20 de agosto de 2014.
- SMANIOTTO, M.C. *Jornal impresso x jornal online: as diferenças e semelhanças da comunicação visual*. (s/d) Disponível em encurtador.com.br/aqsQV. Acesso em 25 de agosto de 2014.
- SOARES, M. *Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura*. EDUC. SOC. Campinas. Vol.23. N.81. dez. 2002. P. 143-160. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em julho de 2017.

SOARES, M. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte. Autentica. 1994.

TRIGO, M.S.Q. Presentación. In. FLORES, C.B. *Periodismo digital en Bolivia*. Fundación UNIR. Bolívia. 2014.

XAVIER, A.C. A dança das linguagens na web: critérios para a definição de hipertexto. In. SILVA, T.C.; MELO, H. *Conferências do V Congresso Internacional da ABRALIN*. Belo Horizonte. FALE/UFMG. 2007.

Recebido em: 10/11/2020

Aceito em: 21/01/2021